



EDITORIAL

Ciência, Religião e Fé

Science, Religion and Faith

Eliane S. Azevedo^{1*}

¹Professora Emerita da FMUFBA, Membro Honorário da Academia Fé e Razão, PhD em Genética USA; Salvador, Bahia, Brasil



Ao formular uma hipótese, consciente ou não, o pesquisador “acredita” na existência de uma ordem na natureza e nela confia. Na ausência dessa expectativa, seria impossível antever possíveis resultados.

Não apenas isso, mas os cientistas que propõem fórmulas para explicar comportamentos físicos, sabem que eles não as inventaram, descobriram-nas, por já existirem em ação na natureza.

Embora, ainda pouco compreendido, o universo permite-se conhecer desde os milhares de galáxias em expansão até o poder das minúsculas partículas atômicas.

Essa grandiosidade, do infinitamente pequeno ao assustadoramente grande, funciona em equilíbrio regido por sistema de leis que tramitam da física newtoniana ao mundo dos quanta. Leis, que ao longo dos séculos estão já se tornando compreensíveis, vão abrindo horizontes a novas compreensões.

Algumas mentes privilegiadas conseguem traduzir avanços complexos da astrofísica em linguagem acessível aos humanos comuns. Destaco Carl Sagan, Marcelo Gleiser e Alan Brito, entre outros notórios divulgadores de ciência do universo.

Em todas as áreas do conhecimento, destacando agora a medicina, os estudiosos aprenderam que somente o conhecimento da ordem funcional interativa entre sistemas, órgãos, moléculas, haplótipo e genes permitem eficientes abordagens diagnósticas e terapêuticas. Cerca de 20 mil genes codificantes, reunidos no óvulo humano fertilizado pelo núcleo do espermatozoide, não requer qualquer acréscimo gênico para gerar sua própria placenta e completar o desenvolvimento morfogênico do novo ser humano. Uma vez morfológicamente completo em seus primeiros noventa dias, a continuidade da vida intrauterina permite o crescimento do ser humano já formado.

Correspondence addresses:

Dra. Eliane Azevedo
eedsea@uol.com.br

Copyright

© 2024 by Santa Casa
de Misericórdia da Bahia.
All rights reserved.
ISSN: 2526-5563
e-ISSN: 2764-2089

Impossível não experimentar um fascínio diante da complexidade biológica e da perfeição de comandos na embriogênese.

Ainda que a forma geral (não individual), de início da vida no planeta terra continue desafiando cientistas, a segunda metade do século XX trouxe uma explosão de conhecimentos e de profundas reflexões advindas das moléculas da vida (DNA e RNA), e do genoma humano.

A falsa ideia de que somente mais de 100 mil genes dariam conta da formação de um ser humano, foi destronada por apenas 20 mil genes. Desafiante quebra-cabeça para os geneticistas: um grão de arroz tem 41 mil genes. As perplexidades em ciência estimulam o pensamento profundo. A epigenética vem trazendo novas descobertas sobre o funcionamento dos genes.

As evidências sobre a universalidade do código genético uniram todos os seres vivos (humanos, animais, plantas, microrganismos etc.) em uma única cadeia evolutiva da vida através de cerca de 3 bilhões de anos.

O tempo de Deus opera, independentemente, da brevidade da vida dos humanos. Por sermos habitantes do planeta terra, limitamos nossa percepção de tempo aderida aos movimentos desse planeta em torno de si mesmo e ao redor do sol. Geralmente, não nos percebemos como habitantes da periferia da Via Láctea, nossa galáxia, na qual existem milhões de outros sistemas solares.

Não deixa de ser fascinante observar o entusiasmo dos astrofísicos descobrindo elementos químicos no centro de nossa galáxia há 50 mil anos luz distante do planeta terra.

Por outro lado, aqui na terra, arqueólogos vivem o deslumbrante desafio de escavar terras do Antigo Oriente, descobrindo fragmentos de cerâmica policromática que lhes revelam a história de povos antigos. Através da cuidadosa reconstrução de cacos desenterrados, esses pesquisadores nos ensinam como viviam os habitantes de períodos pré e proto-históricos, mergulhando em um passado de até 7000 aC.

A confluência dessas observações, tão distantes no espaço/tempo, alimenta a admiração pela grandeza de conhecimentos que o universo oferece, quando as fórmulas matemáticas iluminam as conclusões.

Mil anos de vida tivessem os humanos ainda morreriam desconhecendo a si mesmos, a seu planeta, a sua galáxia e a seu universo.

Mesmo diante dos avanços da ciência, haverá sempre a posição dos que defendem ser a extraordinária ordem e beleza do universo e da vida simples, fruto do acaso.

Para os que, com humildade, põem-se como admiradores da perfeição do livro da natureza, a reação é de louvor ao Deus de todas as coisas.

Esta Fé pode estar inserida ou não nos cânones de uma religião. As religiões, no contexto de cada cultura, normalizam a Fé agregando fiéis. A colaboração e a união entre os fiéis praticantes mantêm a vitalidade das tradições religiosas. A força dessas tradições responde pela sobrevivência de muitos povos.

Para os que aderem ao cristianismo, por exemplo, o Criador nos fala através da natureza e das

sagradas escrituras, produzidas por inspiração divina. Outras religiões voltam-se mais para a natureza e outras revelam-se mais apegadas ao “livro”.

Nessa diversidade de abordagens, sobressai a história do universo em seus 13,8 bilhões de anos de existência: “Deus criou o universo para criar os humanos”. O corpo humano preserva registros dessa evolução. O átomo mais simples, o de hidrogênio, o primeiro a ser formado na evolução do universo é também o mais frequente nos humanos.

A magnitude dessa história evolutiva, na qual se entrelaçam fé e ciência, não poderia ser restrita a um único tipo de cultura. A cada povo, a cada cultura, o Criador se permite abordar no contexto vivencial do povo.

A diversidade cultural dos povos também elaborou a diversidade de religiões na aproximação a um Deus, único em existência, múltiplo nas denominações.

A humanidade é uma só. Todos nós herdamos informações genéticas que tramitam na linha do tempo na evolução da vida. Nunca devemos deixar de exaltar que o código genético é universal.

Em sua divina inspiração São Francisco de Assis chamou a todo ser vivente de irmão, irmã.

No percurso desse processo evolutivo, um dia chegaremos ao ponto ômega previsto pelo cientista, jesuíta e teólogo Pierre Teilhard de Chardin.

Mas... a inquietude de muitas mentes exige provas da existência de Deus, admitindo ser possível transferir para as religiões os fundamentos do método científico.

A boa ciência exige que seus resultados possam ser reproduzidos e até mesmo contestados por novas evidências. As verdades científicas são temporárias, permanecendo sempre passíveis de contestações. Tentar reduzir Deus a bancadas experimentais da ciência é um desvio que busca deificar a ciência, atribuindo a ela um poder que ela não possui.

A Fé independe de evidências científicas.

A Fé brota no coração das pessoas assim como o amor arrebatava os corações.

Nem a Fé, nem o Amor se submetem a racionalismos intelectuais, nem a comprovações científicas.

O coração é que fala. Ninguém ignora o que o coração busca.

“Amai a Deus sobre todas as coisas e aos outros como a si mesmo”.

Deus é AMOR.

Só quem nunca amou ... poderá contestar.